

#cm
2

TERÇA-FEIRA

Lá vem A Noiva... de novo

Realizador **mais influente no audiovisual** contemporâneo desde os anos 1990, **Quentin Tarantino** aprova **versão de 'Kill Bill'** que une os **dois volumes** do díptico que **espirra sangue** e chega aos cinemas **nesta quinta-feira**. Página 2

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Da pandemia até hoje, Quentin Tarantino não lançou nada inédito em circuito, abandonou o projeto “The Movie Critic” e cometeu indelicadezas a rodo (esculhambou a obra de François Truffaut e falou mal do ator Paul Dano), emplacando sucesso só nas livrarias, ao publicar sua coletânea de ensaios “Especulações Cinematográficas” (Ed. Intrínseca). Mesmo sem decidir qual será seu décimo e último filme (pois quer parar sua filmografia no número dez), ele pôs o seu legado revolucionário em ficção ao autorizar “Kill Bill – The Whole Bloody Affair”, a versão reunida, recauchutada e mais sangrenta do díptico que rodou com Uma Thurman no início dos anos 2000.

O que o circuito exibidor brasileiro vai conferir a partir desta quinta é a simbiose dos Volumes 1 (de 2003) e 2 (de 2004), apresentada exatamente como sua dramaturgia foi idealizada, incluindo uma nova sequência de animação nunca antes vista.

Dublada no Brasil por Miriam Ficher, Uma Thurman estrela esse épico de artes marciais como A Noiva, uma criminosa dada como morta após seu ex-chefe e amante, Bill (David Carradine, em papel idealizado por Warren Beatty), emboscar casamento, atirar em sua cabeça e roubar o seu bebê... uma menina. Para se vingar, ela precisa caçar quatro membros da tropa de assassinos de Bill antes de confrontar seu amor de ontem. Cruzam seu caminho os anjos da Morte Elle Driver (Daryl Hannah), O-Ren Ishii (Lucy Liu), Vernita Green (Vivida A. Fox) e Budd (Michael Madsen). Cada figura dessas tem seu quinhão de perigo.

O Volume 1 de “Kill Bill” custou US\$ 30 milhões e faturou US\$ 180 milhões. O Volume 2 teve um custo similar ao primeiro e arrecadou cerca de US\$ 152 milhões. Os dois redefiniram a forma de se rodar sequências de pancadaria na telona e abriram debates calorosos sobre a representação feminina. Um acidente sofrido por Uma nas filmagens, sem que Tarantino se dispusesse a parar de rodar para ajudá-la, pesou negativamente contra a imagem do diretor.

Ele contemporizou suas polêmicas ao ser chamado para ministrar uma aula na Quinzena de Cineastas de Cannes. Ali, teve a chance de expor seus demônios, consagrando-se uma vez mais no evento que deu a Palma de Ouro a seu “Pulp Fiction”, em 1994.

Quando concorreu na Croisette com o por vezes esquecido “À Prova de Morte” (2007), um dos segmentos do projeto “Grindhouse” (exibido em dobradinha com “Planeta Terror”, de Robert



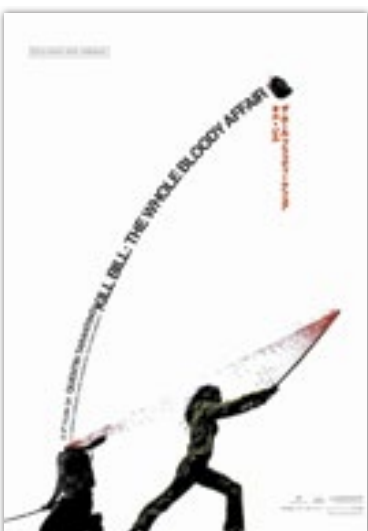
O gângster Bill (David Carradine) e sua amada vingadora (Uma Thurman)

A sagração da primavera de Tarantino

Versão editada dos dois volumes de ‘Kill Bill’, um épico das artes marciais, traz cenas nunca antes exibidas



O jovem Tarantino no set, com Julie Dreyfuss



Um dos cartazes da versão integral de ‘Kill Bill’

Rodriguez), Tarantino foi visitar a Quinzena. A ideia dele era acompanhar a projeção da cópia restaurada do outrora maldito “Parceiros na Noite” (1980), de William Friedkin. Ria de se acabar na poltrona, ao ver a versão estereotipada que o longa (com fama de maldito) trazia da cartilha dos longas de psicopata.

Foi em Cannes que ele fez sua fama, em 1992, ao sediar uma exibição fora de concurso de seu “Cães de Aluguel”. Ele concorreu novamente à Palma dourada com “Bastardos Inglórios”, em 2009, comemorando a láurea de Melhor

Ator, dada a Christoph Waltz, e voltou ao páreo em 2019, com “Era Uma Vez... em Hollywood”. Antes, em 2004, ele exibiu “Kill Bill: Volume II” lá, em meio a seus compromissos como presidente do júri.

Por um soldo de US\$ 200 semanais, Tarantino passou o ano de 1985 batendo ponto na Video Archives, uma locadora de Manhattan Beach, Califórnia, onde fez amigos, reais e imaginários, devorando o acervo local, sobretudo o faroeste “Rio Bravo” (aqui “Onde começa o Inferno”), de 1959.

É do velho VHS que vem a

depuração de sua cultura cinematográfica, reforçada com o DVD, que chega ao convívio dos cinéfilos num momento em que ele já é um diretor de respeito, com “Jackie Brown” (1997) em seu currículo. Mas o universo das fitas rebobinadas do Video Home System foi essencial para ele. A partir do início da década de 1980 quando a tecnologia informática permitiu o advento dos retângulos analógicos do VHS, toda a memória fílmica produzida no mundo, até aquele momento, encontrou um escoamento (e um veio de preservação) biblioteconômico, que nos permitiu acesso a cópias, por exemplo, de uma comédia de Harold Lloyd (1893-1971) feita em 1919.

O VHS alfabetizou uma nova linhagem de cinéfilos e reeducou o olhar dos mais velhos, criando, em ambos, uma percepção de que a realidade – do Presente e do Passado, sobretudo – é mediatizada, ou seja, existe o passado real, concreto, e existe o passado que o cinema nos ensinou. Nossa ideia da Chicago dos gângsters não é a Chicago dos documentos, calcada em fatos: nossa Chicago é a de Brian De Palma em “Os Intocáveis”. Ou seja... verdade dá lugar a simulacros. E simulacros produzem simulações da vida, ou seja, uma meta-vida, onde imagem não é só um corredor que nos leva a experiências sensíveis: imagem é a experiência em si. “Kill Bill – The Whole Bloody Affair”, sob essa lógica, é a sagração da primavera de Tarantino. É o lugar onde seu universo de malandros renovou sua potência... num banho de sangue.



'A Longa Caminhada de Billy Lynn' tem Joe Alwyn e Vin Diesel na mira da guerra

TriStar Productions



Ben Rothstein/Divulgação

O mestre taiwanês com Will Smith no set de 'Projeto Gemini', que virou fracasso

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ang Lee em retomada

Laureado com o troféu honorário da Associação de Montadores dos EUA, o diretor taiwanês sai da geladeira, prepara longa e vê 'A Longa Caminhada de Billy Lynn' brilhar no streaming

A associação dos montadores de Hollywood, criada em 1950 para celebrar a dimensão artística da edição de filmes, a American Cinema Editors (ACE) promoveu o resgate de uma lenda em sua cerimônia de premiação anual, realizada na última sexta, em Los Angeles, ao conceder seu troféu honorário a um cineasta outrora cultuado, mas hoje escanteado pelo cinemão: Ang Lee.

Sumido das telas desde 2019, quando o fiasco fragoroso de "Projeto Gemini" quase botou um fim numa carreira que decolou em 1992, a partir de exibição de "A Arte de Viver" na Berlinale, o diretor Taiwanês está com 71 anos e não filma nada desde a pandemia. É respeitado também como produtor e roteirista, mas nunca montou profissionalmente.

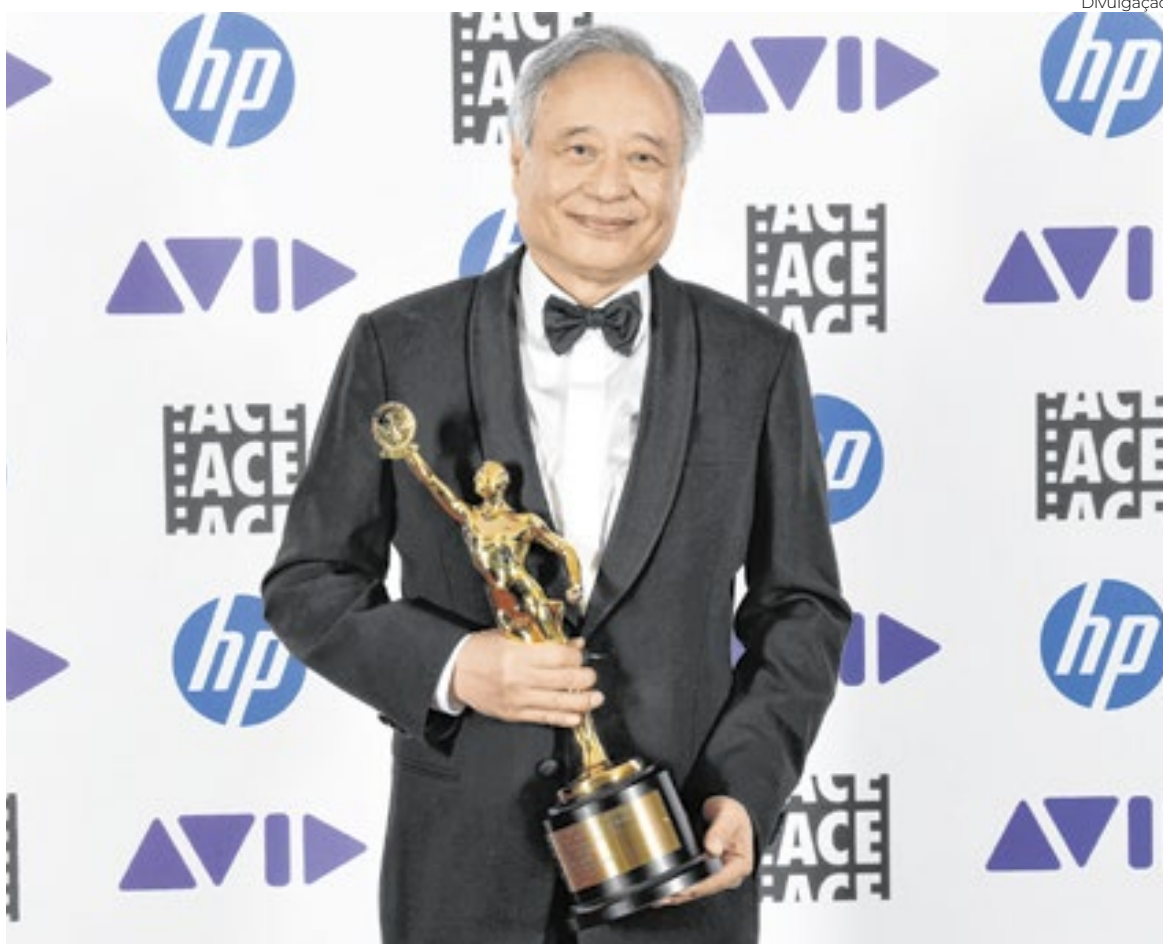
Mesmo assim, recebeu da ACE o Prêmio Golden Eddie de Cineasta do Ano por seu histórico de investimento em formas de narrativas que desafiam linearidades padronizadas. Não por acaso, ganhou o Oscar de Melhor Direção duas vezes, por "O Segredo de Brokeback Mountain" (Leão de Ouro de 2005) e "A Vida de Pi" (2012) e ainda tem um par de Ursos de Ouro na estante, conquistados em Berlim em 1993 e em 1996, respectivamente por "Banquete de Casamento" e "Razão e Sensibilidade". Dirigiu um fenômeno pop com status de cult, "O Tigre e o Dragão" (2000), que custou US\$ 17 milhões e faturou US\$ 214 milhões, além de levar o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, via Taiwan. Lee ainda pilotou, há 23 anos, um dos longas mais inusitados da Marvel: "Hulk", com Eric Bana e Nick Nolte.

Envolvido faz tempo num projeto de série sobre Bruce Lee, sua carreira começa a sair da uma paralisante geladeira não só pelo reconhecimento da ACE, mas por sua escalção para dirigir "Gold Mountain". Fora isso, nos streamings, um de seus longas mais criativos, lançado há dez anos sem muito alarde, ganha agora novos holofotes nas plataformas: a

alegoria política "A Longa Caminhada de Billy Lynn" ("Billy Lynn's Long Halftime Walk", 2016). Essa produção, que nunca chegou a ser lançada comercialmente no Brasil, pode ser vista aqui, agora, na Amazon Prime e na HBO MAX.

Um par de frases – "Somos uma nação de crianças, Billy. Vamos pra outros países para crescer" – expõe o tônus ácido de seu script, demarcando um espírito crítico de Ang

Ang Lee é premiado pelo conjunto de sua obra como cineasta pela Associação dos Montadores de Hollywood



Divulgação

Lee acerca da vida nos EUA que já vinha desde "Tempestade de Gelo" (prêmio de Melhor Roteiro em Cannes, em 1997). Ele trata a sociedade estadunidense sem pudor, como se vê em "A Longa Caminhada de Billy Lynn", uma produção de US\$ 40 milhões, encarada como o

"Platoon" anos 2010. Na venda de ingresso, seu faturamento estagnou em US\$ 30 milhões.

Apesar do mau desempenho comercial, o filme se impõe como o rearranjo de todo patrimônio estético que Lee construiu ao longo em 41 anos de cinema. Seu primeiro curta, "I Wish I Was by That Dim Lake", foi feito em 1982 e, de lá em diante, ele estabeleceu um dos mais prósperos legados do audiovisual

contemporâneo. Basta ver o longa que deu a ele um segundo Leão dourado em Veneza, "Desejo e Perigo", de 2007. O primeiro veio com "Brokeback Mountain", há 21 anos. Com base em romance escrito por Ben Fontain, "A Longa Caminhada de Billy Lynn" se debruça sobre uma tropa cujas ações - no Iraque e nos EUA - servem com perfeição ao interesse de empresários e da mídia, permitindo um debate plural sobre o lugar do guerreiro.

Seu eixo dramático são as experiências de um rapaz de 19 anos, Billy Lynn, que volta do Oriente Médio como herói. Além do uso inusitado de cores que faz (num processo de sinestesia raro gerado pela resolução 4K), Lee impressiona de cara pela escalção do inglês Joe Alwyn como Lynn: então estreado, o guri tem um olhar mesmerizante, no qual traduz sua angústia.

Aliás, a angústia em foco não é só a dele, mas de toda a juventude americana, empurrada para brigar e matar nos campos de batalha do Iraque sem entender o motivo. Lynn tem lá seus fantasmas, tem lá mágoas de família (a principal é ligada à sua irmã mais velha, vivida nas raias da perfeição por Kristen Stewart) e teve perdas no front. Mas não estamos em um filme de farda convencional: nada disso vai detê-lo, nada disso será o moto das cenas, até porque, o roteiro é menos personalista do que parece, abrindo-se para outros personagens e para vivências que enriquecem Flynn como protagonista, como seu caso com a líder de torcida Faison (Makenzie Leigh); seu convívio com o "irretrocedível" Sargento Dime, papel de um inspiradíssimo Garrett Hedlund; e suas trocas com o empresário esportivo Oglesby, cartola do time de futebol americano de Dallas, vivido pelo comediante Steve Martin num registro pouco usado por este titã das artes. Merece destaque ainda o milico budista Shroom, vivido por um Vin Diesel veloz e furioso no esforço de se reinventar.

Trata-se de um Ang Lee inusitado, mas, perturbador, como ele sempre é. Que bom a ACE ter reconhecido isso.

CORREIO CULTURAL



Aldo Barranco

O Open Air tem a maior tela ao ar livre do mundo

Telonas gigantes do Open Air de volta

O Open Air Brasil retorna ao Rio após dois anos de ausência para transformar o Jockey Club Brasileiro em festival de cinema ao ar livre entre 25 de março e 11 de abril. O evento vai exibir filmes na maior tela de cinema a céu aberto do mundo, com 325m² — tamanho equivalente a uma quadra de tênis.

A programação reúne sete indicados ao Oscar, entre eles “O Agente Secreto”, “Peca-

dores” e “Uma Batalha Após a Outra”, além de clássicos, animações e a pré-estreia de “Pequenas Criaturas”, protagonizado por Carolina Dieckmann e Caco Ciocler. Shows e atrações gastronômicas completam a programação. Os ingressos estão à venda pela plataforma Sympla: a partir desta terça-feira (3), para clientes Nubank, e de quinta-feira (5), para o público em geral.

Datena estreia na TV Brasil

A TV Brasil estreia o programa Na Mesa com Datena nesta terça (3), às 21h, em horário nobre. A cada semana, o jornalista José Luiz Datena recebe um entrevistado, sempre uma figura relevante para tratar de temas centrais para a vida pública brasileira como segurança pública, cidadania, direitos fundamentais, políticas sociais, desafios urbanos, desigualdade social, saúde, educação, mobilidade urbana, gestão pública, transparência, direitos humanos, tecnologia, meio ambiente e economia.

Filosofia acessível

E o Sem Censura (TV Brasil) desta terça (3) recebe o escritor Edgard Abbehusen. Conhecido como o filósofo dos sentimentos, Abbehusen é um comunicador, escritor e produtor cultural baiano que utiliza as redes sociais como plataforma para refletir sobre as relações humanas.

Filosofia acessível II

Com escrita sensível, próxima do cotidiano, o autor redigiu quatro livros de crônicas e três livros infantis. Em fevereiro, relançou os dois primeiros livros em edição especial das obras “Quem Tem Como Me Amar Não Me Perde em Nada” e “O Que Tiver Que Ser, Amar”.

Rosamaria Murtinho contracenando com neta

Rosamaria Murtinho encarna a estilista Iris Apfel (1921-2024) em “Uma Vida em Cores”, que estreia nesta sexta (6) no Teatro I Love Prio. A atriz dividirá o palco com a neta, Sofia Mendonça, pela primeira vez para contar a trajetória do ícone da moda estadunidense. A dramaturgia de Cacau Hygino, que também assina a direção do espetáculo, mistura ficção e memória afetiva.



Vera Donato/Divulgação

Prazer, Zé Renato... mas pode me chamar de bamba

Alexander Landau/Divulgação



Zé Renato mostra seu lado sambista em temporada de quatro apresentações no Teatro Ipanema Rubens Corrêa

Temporada “Samba e Amor” reúne grandes nomes do gênero para celebrar os 50 anos de carreira e os 70 anos do cantor e compositor

AFFONSO NUNES

Do alto de uma discografia de 34 álbuns, oito dedicados exclusivamente ao samba. Esse conta desmente qualquer tentativa de encaixar Zé Renato numa caixinha só. O público que o conhece pela “Toada”, pelos anos de Boca Livre ou pela reputação de ter uma das vozes mais belas da música popular brasileira talvez não saiba o sambista ele é,

sendo, inclusive, uma das faces mais consistentes e apaixonadas de sua obra. E neste mês, o cantor e compositor assume esse jeito bamba de ser em quatro terças-feiras no Teatro Ipanema Rubens Corrêa, numa temporada que marca 70 anos de vida e 20 de trajetória artística.

A temporada “Samba e amor”, dentro do projeto Terças no Ipanema, nos dias 3, 10, 17 e 24 de março, percorre a espinha dorsal da relação de Zé Renato com o gênero. O repertório parte dos próprios discos — dos autorais aos tributos grava-

dos ao longo da carreira — e avança para território ainda inexplorado em estúdio. “Eu farei um roteiro básico com o repertório dos discos de samba que gravei”, explica o artista, citando álbuns como “Cabô” (2000), inteiramente dedicado às suas composições no gênero como “Pandeiro” e “A Alegria Continua”, gravado com Elton Medeiros e Mariana de Moraes. Mas não para por aí: “Também vou cantar músicas que ainda não gravei, de autores como Nelson Cavaquinho e Dorival Caymmi”, adianta.

A cada noite, o palco se abre para convidados que compartilham com Zé laços de parceria e afinidade artística. Na estreia, em 3 de março, o chamado é para Nei Lopes, parceiro de “Pandeiro” e de outros sambas do repertório, como “Cândidas Neves” — além de clássicos compostos por Nei com Wilson Moreira, como “Senhora Liberdade”. No dia 10, chegam Pedro Luís e Paulinho Moska, dois dos parceiros mais presentes no já citado “Cabô”.

A terça 17 concentra três convidados. Teresa Cristina divide o palco para cantar sambas feitos em parceria, como “Pra Cobrir a Solidão” e “Delicada”. A noite recebe ainda dois mestres dos instrumentos: o violonista Cláudio Jorge — vencedor do Grammy de melhor disco de samba de 2024 — e o percussionista Marcelinho Moreira, presença fiel na banda de Zé Renato desde o disco Cabô, ambos também cantores e compositores com obra própria.

Para encerrar a temporada, no dia 24, o palco se transforma numa espécie de reedição ao vivo de “A Alegria Continua”, com Mariana de Moraes, Vidal Assis — compositor e cantor que acaba de lançar um álbum dedicado a Elton Medeiros — e o maestro e compositor Francis Hime.

O fio condutor das quatro noites é o próprio percurso de Zé Renato pelo samba — dos clássicos imortais aos contemporâneos, dos autorais às homenagens. Do tributo a Silvio Caldas, vem “Viva Meu Samba”, de Billy Blanco, que empresta o nome à série de shows. De Zé Keti, “Mascarada” e “Diz Que Fui Por Ai”. De Noel Rosa e Chico Buarque, “Feito de Oração” e “Samba do Grande Amor”. De Paulinho da Viola, “Sofrer”. E ainda inéditos no repertório ao vivo, como “Siri Recheado e o Cacete”, de João Bosco e Aldir Blanc, e composições próprias como “Pra você Gostar de Mim”, parceria com Joyce Moreno. Ao violão de seis cordas, tendo ao lado Carlinhos 7 Cordas e o multipercussionista Paulino Dias, Zé Renato vai riscando no palco um mapa sonoro e afetivo do gênero visto pelos seus olhos.

SERVIÇO

ZÉ RENATO -SAMBA E AMOR
Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema)
3 a 24/3, sempre às terças (20h) | Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

THALES DE MENEZES

Folhapress

The Romantic”, o quarto álbum solo de Bruno Mars, é muito bom, soando um pouco mais suave do que os anteriores, mas é curtinho. Apenas nove faixas, que somam praticamente meia hora de música. O som é ótimo, mas talvez seja pouca coisa para saciar os fãs que aguardaram bastante desde o disco anterior, “24K Magic”, de 2016.

Nessa longa década de espera, ele lançou um álbum cooperativo com o rapper Anderson Paak, em 2021. Os dois deram à dupla o nome Silk Sonic e misturaram R&B, soul, funk, hip-hop e pop em “An Evening with Silk Sonic”, um disco bom, mas nem tanto.

Fora dos estúdios e em cima do palco, Mars foi bem mais ativo. A ponto de mudar completamente sua relação com os fãs brasileiros. Nos três shows de 2012 e nos quatro da turnê de 2017, ele era Bruno Mars, um cantor cheio de hits e muito carisma. Mas ele se tornou um rei pop por aqui após o The Town de 2023.

Talvez por serem transmitidas pela TV, suas duas apresentações no festival levaram Mars para muito além da plateia paulistana. Mania nacional, ele se tornou o Bruninho, que vestiu camisa da seleção brasileira e deixou seu tecladista tocar o hino sertanejo “Evidências” no meio do show.

Esse estouro de popularidade propiciou, no ano seguinte, uma turnê brasileira de 15 datas em grandes arenas. Apenas no Morumbis, em São Paulo, foram seis shows seguidos. Todos com ingressos esgotados.

Sem exagero, todas as faixas de “The Romantic” podem entrar no habitual setlist poderoso do cantor. Ele continua fluindo com desenvoltura pelos ritmos negros. “I Just Might”, lançada em 9 de janeiro como single prévio do álbum, é uma das melhores. Um soul-pop com influências de funk, que certamente vai exigir coreografias vigorosas de Mars e seus colegas de palco quando a turnê chegar.

Um detalhe: “I Just Might” é seu primeiro single solo depois de várias parcerias de sucesso nos dois últimos anos: “Die with a Smile”, com Lady Gaga, “APT”, com Rosé, que surgiu no girl group sul-coreano Blackpink, e “Fat Juicy & Wet”, com a rapper Sexxy Red.

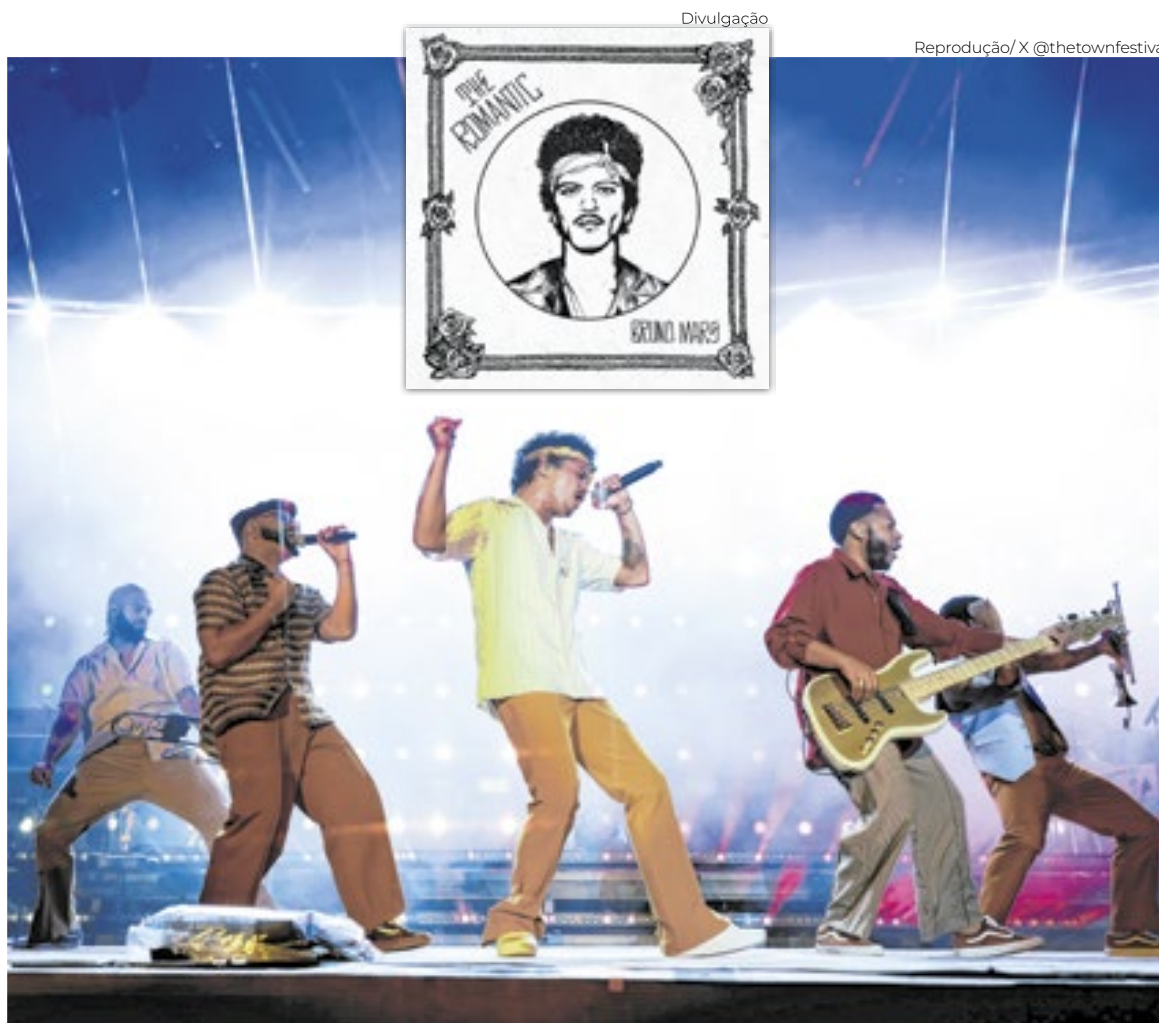
As duas canções que abrem o disco formam um bloco um tanto separado do resto. As letras de “Risk It All” e “Cha Cha Cha” falam de relacionamentos



Bruno Mars e músicos mariachi em clipe de uma das faixas de 'The Romantic'

Repertório pronto para entrar no setlist

Bruno Mars flutua com desenvoltura por ritmos negros em novo disco, que só peca por ser curto demais



Bruno Mars na histórica apresentação do The Town de 2023, que alavancou sua carreira no país

difíceis e, cada uma de seu jeito, jogam Mars em canções que se sustentam em violões e vocais claros, limpos, até contidos. Essas faixas parecem legitimar o título do álbum. É um Bruno Mars realmente muito romântico.

Vem então “I Just Might”, que dá todas as indicações de ter sido escolhida como primeiro single desse trabalho por ser a faixa mais parecida com o Bruno Mars dançante de sempre. A partir de “God Was Showing Off”, cresce uma leveza de certa forma inesperada no álbum. Talvez influência do produtor D'Mile, figura recente na corte de colaboradores em torno de Mars e um discípulo do soul com verniz da Motown.

Em entrevista, Mars disse que gravar com D'Mile fez com que ele, pela primeira vez, não se sentisse colocando a voz para disputar espaço com os instrumentos. “Tudo estava pronto e perfeito para receber o vocal.” Partindo de um compositor de canções pop irretocáveis, é um elogio e tanto. Não que D'Mile simplesmente suavize o som de Mars, mas certamente não há espaço para duelos entre sua voz e os instrumentos, que apareceram muitas vezes em seus álbuns anteriores.

Em outros momentos do novo disco, uma pegada de soul chicano segue evidente. O que pode variar é o peso dançante de cada música. Quando “The Romantic” começa a soar como um disco mais sossegado, Mars pisa no acelerador e cria trechos dançantes irresistíveis.

Talvez “Nothing Left” seja o grande momento, começando como balada tranquila e evoluindo para uma canção emocionada gritada, com ótimas guitarras. Mas “On My Soul” traz um registro dançante meio retrô, anos 1970, que também a credencia como possível destaque.

Faixas como essas e também “Why You Wanna Fight?” e “Something Serious” deixam clara a proposta: “The Romantic” é um disco elegante, sedutor e que parece querer fazer o ouvinte se deitar em veludo macio. Mesmo em canções mais agitadas, é soul classudo, cravejado de influências de pop negro.

“Dance with Me”, outra com jeitão de canção romântica que poderia ter sido lançada há uns 50 anos, encerra a audição com a mensagem explícita do título se mostrando desnecessária. Bruno Mars não precisa pedir para que as pessoas danchem. Quando cada música começa, mesmo que mais lentas do que o padrão habitual do cantor, os movimentos de dança tomam conta dos corpos. Coisa de Bruninho.

Tereza Maciel/Divulgação

O violão, a voz e um corpo em cena

Badi Assad celebra 35 anos de carreira em show baseado em disco de inéditas em parceria com compositores da sua geração

AFFONSO NUNES

Nascida no berço do choro, do violão de concerto e da moda de viola, Badi Assad inventou um jeito único de cantar e tocar — da plateia, não se sabe de onde saem tantos sons de uma mulher só com sua voz e seu violão. Aos 35 anos de carreira e mais de 50 países percorridos em quase 200 turnês, ela chega ao Manouche nesta terça-feira (3) para lançar “Parte de Tudo Isso”, álbum de inéditas escrito por compositores e compositoras da sua própria geração — aquela que, nos anos 1990, retomou os princípios antropofágicos e inquietos da Tropicália e foi até chamada de novos

tropicalistas.

Paulista de João da Boa Vista, Badi vem de família musical - seus irmãos Sérgio e Odair formam o mundialmente reconhecido Duo Assad. Começou a estudar violão aos 14 anos sob orientação do pai, aperfeiçoando a técnica no curso de violão clássico da UFRJ e logo ingressando na Orquestra de Violões do Rio de Janeiro, regida por Turibio Santos. Desde o primeiro disco solo, pavimentou trajetória marcada pela ousadia criativa e pela recusa em pertencer a um único gênero. Com 14 álbuns, realizou turnês em mais de 50 países. Sua singularidade está na integração de voz, violão e corpo em cena — uma performer que usa a boca como instrumento de percussão e o palco como laboratório sensorial.

O disco reúne canções de

Chico César, Nando Reis, Zeca Baleiro, Zélia Duncan, Ana Costa, Moska, Adriana Calcanhotto, Ceumar, André Abujamra, Pedro Luís e Otto — um caldeirão de sotaques, ritmos e síncopes que marcou uma virada no fim do século 20 e que Badi traz para o seu universo muito peculiar.

Com produção de Marcus Preto e Tó Brandileone, o álbum foi gravado no melhor modo anos 70, com as coisas se ajeitando ao vivo: base finíssima com Debora Gurgel ao piano, Serginho Machado na bateria e Fabio Sá no

contrabaixo, além de participações de Swami Junior, Nailor Proveta e Marcos Suzano. “Tem óleo, azeite, cuidado”, define Badi sobre “Bordadura Serena”, parceria com Pedro Luís. Em “Ser Humano é Floresta”, com Abujamra, o violão vem forte como o tema: “cada ramo é uma escolha.”

Para esta noite especial, Badi se apresenta ao lado da percussionista Simone Sou, parceira de palcos no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa — juntas, são também autoras de “Feminina”, canção adotada por círculos de mulheres por todo o

país como um canto de comunhão. O show conta ainda com as participações do violonista estadunidense Kevin Callahan e do acordeonista moldávio Oleg Fateev.

SERVIÇO
BADI ASSAD - PARTE DE TUDO ISSO
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
3/3, às 20h
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia solidária, mediante 1kg de alimento ou livro para doação ao Retiro dos Artistas)



Badi Assad notabilizou-se pela integração entre corpo, voz e violão em suas apresentações

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Busca do aconchego

Cantora e compositora carioca, Tuca Mei tem canção nova nas plataformas. Trata-se de “Desapagada”, primeiro single do álbum “Ctônica”, previsto para julho. A faixa explora a contradição entre a independência afetiva e o desejo de intimidade, tendo como imagem central o termo “Mandruvá” — palavra do Sul de Minas para uma lagarta que forma casulo, usada na família da artista como sinônimo de aconchego. A sonoridade mistura MPB, pop e funk carioca, com violão de nylon vintage em destaque no arranjo.



Fernando Dias/Divulgação

O amor se fez canção

O casal Tatiana Dias Gomes e Leo Martins acaba de lançar nas plataformas digitais o single e videoclipe “Ficar e Morar”. Balada em forma de valsa, a faixa autoral chega num momento especial da dupla: o casamento e o nascimento do filho Lucas, nascido em janeiro. Com arranjo de Nema Antunes, a canção fala de permanência e construção da vida a dois, transformando em poesia o caminho que uniu suas histórias. Tatiana é neta dos escritores e teledramaturgos Dias Gomes e Janete Clair.



Divulgação

Ao vivo na intimidade

A cantora e compositora Linda Ramalho lança o single duplo “Quem é Quem?” e uma releitura de “Memórias”, de Pitty — com medley de “Ando Meio Desligado”, dos Mutantes. A faixa já está nas plataformas digitais com distribuição pelo selo Avohai Music em parceria com o Discobertas. As faixas antecipam o álbum ao vivo “Linda Ramalho Ao Vivo”, gravado no Estúdio Eco Som, no Rio, com plateia íntima, composta por amigos e fãs, no fim do ano passado. O lançamento completo está previsto para o fim do mês.

Lenise Pinheiro/Divulgação

No day after de um fracasso



Vannessa Gerbelli vive uma atriz que conduz o público a uma jornada de incertezas ao reaparecer após uma estreia desastrosa

Texto inédito (e póstumo) de Luiz Carlos Góes ganha palco sob direção de Amir Haddad e com Vannessa Gerbelli em cena solo

Ela não tem nome. Não tem recursos. Mas tem um palco — e não pretende sair dele. Nem à força. A protagonista sem nome de ‘Sombras no

Final da Escadaria’ estreou na véspera com um fracasso retumbante, e agora está de volta, no segundo dia, diante de uma plateia que não sabe bem o que esperar. Nem ela mesma sabe. É desse clima de incerteza que o monólogo

parte numa jornada sem paredeiro certo.

O texto é inédito e póstumo. Trata-se último trabalho do escritor e dramaturgo carioca Luiz Carlos Góes (1944-2014), síntese de uma obra que operava sempre assim, com leveza enganosa na superfície e crueldade afiada nas camadas de baixo. O que parece nonsense vai se tornando confessional. O que começa como embromação descabida se revela direto, dolorido, rascante. Abuso, misoginia, invisibilidade — tudo está ali, não gritado, mas presente como uma sombra que cresce ao longo da escadaria.

Dirigido por Amir Haddad, o espetáculo tem na atuação de Vannessa Gerbelli sua força motriz. Premiada pelo APTR, pelo Melhores do Ano da TV Globo e pelo Bibi Ferreira, a atriz sustenta sozinha o peso de uma comédia que faz pensar. Sua personagem é uma atriz independente, com um projeto independente, num país que trata a cultura como dispensável. A pergunta que atravessa toda a peça não é retórica: como prosseguir após um fracasso?

SERVIÇO

SOMBRAS NO FINAL DA ESCADA

Teatro Domingos Oliveira (Planetário da Gávea - Av. Padre Leonel Franca, 240) Até 29/3, sextas e sábados (20h) e domingos (19h) Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Entre o delírio e a filosofia

Cia. dos Trópicos leva ao Ziembski uma comédia sobre solidão, fé e uma planta que acredita ser Deus

Uma mulher é abandonada pelo marido. Sozinha em seu apartamento, começa a conversar com uma planta. A planta, por sua vez, passa a acreditar que é Deus. O ponto de partida de ‘A Sarça Ardente’, novo espetáculo da Cia. dos Trópicos, é simples e desconcertante. Com texto e direção de João Santucci, a montagem chega ao Teatro Ziembski, na Tijuca, a partir desta terça-feira (3).

No palco, uma árvore verdadeira divide o espaço com o elenco. Não como cenário, mas como personagem — viva, simbólica, desconcertante. As atrizes Patrícia Bello e Raquel Monteiro se revezam ao longo da encenação para vivenciar as três figuras da trama: a Mulher, a Planta e a Muda de Outra Planta. É nesse embaralhamento de identidades que realidade e delírio se con-

fundem desde a primeira cena, convidando o público a adentrar num território sem qualquer certeza.

“O trunfo da peça está justamente nessa combinação entre absurdo e humanidade. O que começa como uma situação estranha e até cômica rapidamente se transforma em uma metáfora potente sobre solidão, abandono, culpa cristã, fé, delírio, trauma e a necessidade humana de projetar sentido quando tudo desmorona”, explica Santucci.

A protagonista, reforça o diretor, não é uma figura idealizada. “Trata-se de uma mulher em estado de ruptura, atravessada por contradições, carências, culpa, desejo e ironia. A planta que se crê divina não é apenas um elemento fantástico, mas um espelho da própria protagonista e, em alguma medida, de uma sociedade que busca respostas absolutas



Charles Pereira/Divulgação

Raquel Monteiro e Patrícia Bello durante ensaio de ‘A Sarça Ardente’

em meio ao vazio existencial.”

O espetáculo nasceu de uma performance: uma planta dublada por uma atriz. Ao longo de quase um ano de desenvolvimento, a companhia investigou formas de representar a psique e a corporalidade dessa figura híbrida — mulher-planta, planta-mulher —, explorando suas fronteiras simbólicas, afetivas e existenciais.

O resultado, acrescenta Santucci, dialoga com o cinema de Pedro

Almodóvar, especialmente na construção de personagens femininas em estado de excesso emocional e no uso do melodrama como elemento narrativo. Ao mesmo tempo, a peça bebe na tradição das novelas brasileiras ao tratar temas complexos de forma acessível. Aqui o drama convive com o riso e o cotidiano é atravessado pelo extraordinário.

Ausência, vazio existencial, fé, memória, trauma, feminino, morte — os temas de ‘A Sarça Ardente’ pesam. Mas pitadas de humor, melodrama e ironia atravessam a encenação de ponta a ponta. “É uma

peça que provoca riso e desconforto, reflexão e identificação. Um teatro que se explica rápido, mas permanece ecoando por muito tempo depois que a luz se apaga”, define o diretor.

SERVIÇO

A SARÇA ARDENTE

Teatro Ziembski (Av. Heitor Beltrão, s/nº - Tijuca. Em frente à estação de metrô São Francisco Xavier) De 3/3 a 1/4, às terças e quartas (20h) Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia-entrada ou Lista Amiga)

Corpo, matéria e presença

Divulgação



Artistas em estágios opostos em suas carreiras viram pelo avesso a lógica de um sistema que relegou o corpo feminino à objetificação

Artista consolidada e outra em ascensão, Anna Bella Geiger e Raquel Saliba reúnem seus trabalhos na mostra 'Averso'

AFFONSO NUNES

O título escolhido para a exposição conjunta de Anna Bella Geiger e Raquel Saliba não poderia ser mais preciso. “Averso” é exatamente o que as duas artistas propõem: virar pelo avesso a lógica de um sistema da arte que por décadas relegou o corpo feminino ao papel de objeto. A mostra ocupa o segundo pavimento do Museu Histórico da Cidade, na Gávea, a partir desta terça-feira (3), com curadoria de Shannon Botelho. No primeiro pavimento, Raquel apresenta ainda a individual “Bashar: Nós Humanos”.

De Geiger, que começou a produzir nos anos 1960, foram selecionadas gravuras em metal, telas em guache e nanquim, obras em técnica mista e objetos escultóricos. O recorte atravessa décadas e revela uma artista que nunca

parou de interrogar a superfície. Cortes, cavidades e dobras transformam o plano em algo vivo, quase orgânico — como se a tela guardasse um interior prestes a irromper. “Geiger expõe o avesso, desestabiliza o plano e transforma a matéria em linguagem crítica. Ao afirmar uma poética centrada no corpo em um sistema historicamente regulado por narrativas masculinas, a artista inscreve, de modo não panfletário, uma presença feminina que reivindica espaço na redefinição da arte e de seus discursos”, escreve Botelho no texto curatorial.

Na outro deste avesso, Raquel Saliba responde com corpos.

Torsos femininos em cerâmica — acéfalos, sem gênero definido, submetidos a queimas ancestrais —, alguns moldados com tecidos, outros transformados pela ação do mar após períodos de submersão. Na instalação mais contundente do conjunto cabides sustentam troncos femininos como se fossem mercadorias em exposição, evocando a objetificação do corpo da mulher. “Para

mim, como mulher, o feminino é forte. Como escultora, gostaria de abrir mais portas para outras mulheres, especialmente aquelas que vivem sob opressão, preconceito e diferentes formas de violência”, afirma a artista.

Nascida em Itaúna (MG) e formada em Psicologia, Raquel dedica-se exclusivamente à arte há 15 anos. Sua trajetória passa por Londres, Austrália e Paris — onde expôs no Carrossel do Louvre em 2018 — e inclui uma formação técnica que vai da queima Anagama, de origem japonesa, à Obvara, método do Leste Europeu do século XII. “A cerâmica é um dos vestígios culturais utiliza-

dos pela arqueologia para reconstruir narrativas históricas anteriores à escrita”, explica. O barro, para ela, é memória com forma.

No primeiro pavimento, a individual “Bashar” aprofunda as investigações e inquietudes da artista. Palavra árabe que significa humanidade, o título nomeia um encontro de corpos feitos de barro que carregam o peso do tempo e das diferenças. “Entre nascimento e desgaste, permanência e transformação, as obras nos lembram que a humanidade é constituída, antes de tudo, pelas relações que estabelece e pelos vestígios sensíveis que lega à eternidade”, escreve a curadora.

SERVIÇO

AVESSO

Museu Histórico da Cidade (EstR. Santa Marinha, s/nº, Gávea)

De 3/3 a 3/5, de terça a

domingo (9h às 16h)

Entrada franca

